

**O USO EXCESSIVO DO CELULAR E SEUS IMPACTOS NO
PROCESSO EDUCATIVO: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE,
VYGOTSKY E PIAGET**

Natalia Daniele de Oliveira

Licenciatura em Pedagogia

naticrispedroso@gmail.com

Ana Carolina Teles da Fonseca

Graduação em Pedagogia

anacarolinat38@gmail.com

Andreia Silves Custodio Rodrigues

Graduação em Licenciatura Educação Física

custodioandreiaa@gmail.com

Camille Sgobi

Graduação em Pedagogia

camille.denardi@professor.educacaoararas.sp.gov.br

Claudia Cristina Silves Custodio Rocha

Graduação em Licenciatura Letras (Português e Inglês)

Claudiacris.rocha@educacaoararas.sp.gov.br

RESUMO

O avanço das tecnologias digitais, especialmente a ampla disseminação do telefone celular, tem provocado transformações significativas nas práticas sociais e educacionais. No contexto escolar, o uso excessivo desse dispositivo tem despertado debates acerca de seus impactos no desenvolvimento cognitivo, social e crítico dos estudantes.

Este artigo tem como objetivo analisar os efeitos do uso excessivo do celular no processo de ensino-aprendizagem, à luz das contribuições teóricas de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget.

A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, fundamentada em obras clássicas desses autores. Conclui-se que, embora o celular possua potencial pedagógico, seu uso indiscriminado pode comprometer a aprendizagem, tornando indispensável uma mediação crítica e consciente por parte da escola e dos educadores.

Palavras-chave: Tecnologia educacional. Uso excessivo do celular. Aprendizagem. Desenvolvimento humano. Educação crítica.

INTRODUÇÃO

A tecnologia já faz parte da vida das pessoas de maneira natural e constante, especialmente por meio do uso dos telefones celulares. Esses dispositivos estão presentes desde os primeiros momentos do dia até o descanso noturno, mediando conversas, acesso à informação, lazer e formas de se relacionar com o mundo.

Para crianças e adolescentes, o celular não é apenas um objeto tecnológico, mas um elemento integrado à sua rotina, à sua identidade e às suas formas de comunicação.

No espaço escolar, essa realidade também se faz presente. O celular atravessa os muros da escola e passa a conviver diariamente com professores, estudantes e equipes pedagógicas.

Em muitos momentos, ele surge como uma ferramenta que pode enriquecer as práticas educativas, facilitando pesquisas, ampliando o acesso ao conhecimento e aproximando a escola do universo digital dos alunos.

No entanto, quando o uso ocorre de forma excessiva e sem orientação, o dispositivo passa a competir com o processo de aprendizagem, interferindo na atenção, na escuta e na participação ativa em sala de aula.

É cada vez mais comum observar estudantes fisicamente presentes, mas emocional e cognitivamente distantes, imersos nas telas enquanto as interações humanas se enfraquecem.

A dificuldade de manter a concentração, a impaciência diante de atividades que exigem reflexão e o desinteresse pelo diálogo coletivo são sinais de um uso desmedido da tecnologia. Além disso, o tempo prolongado diante do celular pode limitar experiências fundamentais para o desenvolvimento, como a troca de ideias, o trabalho em grupo e a construção de vínculos afetivos no ambiente escolar.

Nesse sentido, refletir sobre o uso do celular na educação não significa adotar uma postura de proibição ou resistência à tecnologia, mas reconhecer a necessidade de equilíbrio e consciência.

A escola tem o desafio de ensinar não apenas conteúdos, mas também formas responsáveis e éticas de se relacionar com o mundo digital. O uso consciente da tecnologia precisa ser aprendido, mediado e discutido, para que os estudantes compreendam que o celular pode ser uma ferramenta de aprendizagem, e não um obstáculo ao seu desenvolvimento.

Ao propor uma análise crítica sobre o uso excessivo do celular no contexto educacional, este artigo se apoia nas contribuições de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget, cujas teorias ajudam a compreender a aprendizagem como um processo humano, social e construído nas relações.

Freire nos convida ao diálogo e à formação de sujeitos críticos; Vygotsky destaca a importância das interações sociais para o desenvolvimento; e Piaget reforça a necessidade da ação, da experimentação e da construção do conhecimento.

À luz desses autores, torna-se evidente que a tecnologia precisa estar a serviço da educação humanizadora, favorecendo o pensamento crítico, a convivência e a formação integral dos estudantes.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, uma vez que se fundamenta na análise e reflexão de produções teóricas já consolidadas no campo da educação.

Foram estudadas obras clássicas de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget, autores cujas contribuições são fundamentais para a compreensão dos processos de aprendizagem, do desenvolvimento humano e da formação crítica do sujeito.

Além dessas referências, foram consideradas produções acadêmicas que discutem o uso da tecnologia, especialmente do celular, no contexto educacional contemporâneo.

A opção por uma abordagem teórica permitiu aprofundar a compreensão sobre os impactos do uso excessivo do celular no desenvolvimento cognitivo, social e crítico dos estudantes, sem a intenção de esgotar o tema, mas de promover uma reflexão fundamentada e contextualizada.

A análise das obras possibilitou estabelecer relações entre os pressupostos teóricos dos autores e as práticas observadas no cotidiano escolar, evidenciando como a ausência ou a fragilidade da mediação pedagógica pode comprometer o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para o debate educacional, oferecendo subsídios teóricos que auxiliem professores e instituições de ensino a repensarem o uso da tecnologia de maneira mais consciente, equilibrada e humanizada, valorizando o diálogo, a interação social e a construção ativa do conhecimento.

O USO EXCESSIVO DO CELULAR NO AMBIENTE ESCOLAR

Embora o celular possa ser compreendido como uma ferramenta com potencial educativo, seu uso excessivo e desprovido de intencionalidade pedagógica tem provocado inquietações no ambiente escolar.

A presença constante das telas, marcada por estímulos rápidos e informações fragmentadas, tende a modificar a forma como os estudantes se

relacionam com o conhecimento, favorecendo a imediatidade em detrimento da reflexão. Nesse contexto, o tempo da aprendizagem que exige pausa, escuta e aprofundamento passa a disputar espaço com a lógica acelerada do mundo digital.

O uso indiscriminado do celular também afeta a qualidade das relações estabelecidas em sala de aula. O diálogo, elemento central do processo educativo, gradualmente cede lugar ao silêncio das telas acesas, enfraquecendo a convivência, a troca de saberes e a construção coletiva do conhecimento.

Quando o olhar se fixa no dispositivo, diminui-se a atenção ao outro, à palavra compartilhada e à experiência comum, aspectos fundamentais para uma educação verdadeiramente humana.

Sem uma proposta pedagógica clara, o celular deixa de ser um aliado do aprendizado e transforma-se em um elemento de dispersão, fragmentando o vínculo entre professor, estudante e conhecimento.

Mais do que um problema técnico, essa situação revela um desafio pedagógico e ético: repensar o sentido do uso da tecnologia na escola. Torna-se necessário questionar não apenas quando e como utilizar o celular, mas, sobretudo, para quê.

Somente por meio de uma mediação consciente, crítica e intencional será possível transformar a tecnologia em um instrumento que favoreça a aprendizagem significativa, o pensamento reflexivo e a formação integral dos estudantes.

PAULO FREIRE: TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Paulo Freire compreende a educação como um ato profundamente político e libertador, no qual ensinar e aprender estão diretamente ligados à leitura crítica da realidade e à possibilidade de transformação do mundo.

Para o autor, o diálogo, a problematização e a consciência crítica são elementos centrais do processo educativo. Sob essa perspectiva, o uso

excessivo do celular no contexto escolar pode reforçar práticas educativas acríticas, sobretudo quando o estudante assume uma postura passiva diante do grande volume de informações consumidas diariamente, sem reflexão ou questionamento.

Quando o celular é utilizado apenas como meio de acesso rápido a conteúdos prontos, corre-se o risco de fortalecer aquilo que Freire denomina de educação bancária, na qual o aluno é visto como mero receptor de informações.

Nesse modelo, o conhecimento deixa de ser construído coletivamente e passa a ser simplesmente depositado, limitando a capacidade de análise, diálogo e ação crítica dos estudantes. A tecnologia, nesse caso, não contribui para a emancipação, mas pode intensificar processos de alienação e distanciamento da realidade concreta.

Para Freire, a tecnologia não deve ser rejeitada, mas compreendida como um instrumento a serviço da humanização. Seu uso precisa estar orientado por princípios éticos, críticos e pedagógicos, capazes de transformar o celular em um meio de leitura e intervenção no mundo digital.

Assim, o papel do educador torna-se fundamental como mediador desse processo, incentivando o questionamento, a reflexão e o diálogo sobre os conteúdos acessados.

Quando mediado de forma consciente, o uso do celular pode favorecer a autonomia intelectual dos estudantes, fortalecendo a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender, analisar e transformar a realidade em que estão inseridos.

VYGOTSKY E A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NA APRENDIZAGEM

Lev Vygotsky compreende o desenvolvimento humano como um processo essencialmente social, construído nas relações que o indivíduo estabelece com o outro e com a cultura.

Para o autor, a aprendizagem ocorre por meio da interação, da linguagem e da mediação, sendo o professor e os colegas elementos fundamentais nesse processo.

No contexto da sala de aula, essas interações se manifestam em momentos de diálogo, trabalho em grupo, troca de ideias e resolução coletiva de problemas, nos quais os estudantes aprendem uns com os outros e constroem conhecimentos de forma compartilhada.

Entretanto, o uso excessivo do celular pode interferir nessas práticas pedagógicas. Em situações cotidianas, é possível observar alunos mais atentos às telas do que às explicações do professor ou às falas dos colegas, o que reduz a participação nas discussões e enfraquece o aprendizado coletivo. Atividades que poderiam estimular a cooperação, como debates, leituras compartilhadas ou produções em grupo, acabam sendo prejudicadas quando o celular se torna o centro da atenção, substituindo o contato direto e a interação presencial.

Além disso, quando o estudante recorre constantemente ao celular para obter respostas imediatas, sem a mediação do professor, perde-se a oportunidade de explorar a zona de desenvolvimento proximal, conceito central na teoria vygotskiana.

Por exemplo, em uma atividade de resolução de problemas, a aprendizagem se torna mais significativa quando o aluno é incentivado a dialogar com os colegas, ouvir diferentes pontos de vista e construir soluções coletivamente, em vez de buscar respostas prontas na internet. Nesse processo, o professor atua como mediador, orientando, questionando e ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Assim, à luz da teoria de Vygotsky, o celular pode ser utilizado de forma pedagógica quando integrado a propostas que favoreçam a interação e a colaboração, como pesquisas orientadas em grupo, produção coletiva de textos ou projetos interdisciplinares.

Nessas situações, o dispositivo deixa de ser um elemento de isolamento e passa a atuar como instrumento de mediação, fortalecendo o diálogo, a cooperação e a construção coletiva do conhecimento no espaço escolar.

Piaget e os Impactos no Desenvolvimento Cognitivo

Ao analisar o uso excessivo do celular no contexto educacional à luz das contribuições de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Paulo Freire, torna-se possível compreender que, embora partam de perspectivas teóricas distintas, os três autores convergem na defesa de uma aprendizagem ativa, mediada e profundamente humana.

Em comum, reconhecem o estudante como sujeito do processo educativo e alertam para os riscos de práticas que reduzam a aprendizagem à passividade e ao consumo acrítico de informações.

Na perspectiva piagetiana, o conhecimento é construído a partir da ação do sujeito sobre o meio. A aprendizagem ocorre quando o estudante enfrenta desafios que provocam desequilíbrios cognitivos, levando-o a reorganizar seus esquemas mentais por meio da assimilação e da acomodação.

O uso excessivo do celular, sobretudo quando associado à busca por respostas prontas, pode fragilizar esse processo ao limitar a investigação, a experimentação e o erro, elementos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento lógico.

Vygotsky, por sua vez, enfatiza que o desenvolvimento cognitivo é resultado das interações sociais e da mediação cultural. A aprendizagem se constrói no diálogo, na colaboração e na troca de experiências, especialmente na zona de desenvolvimento proximal, onde o estudante avança com o apoio do outro. Quando o celular passa a ocupar o centro das atenções, substituindo o diálogo presencial e o trabalho coletivo, há prejuízos na qualidade das interações e na construção compartilhada do conhecimento. Nesse sentido, o dispositivo precisa ser utilizado como instrumento de mediação pedagógica, favorecendo a cooperação e não o isolamento.

Paulo Freire amplia essa reflexão ao compreender a educação como um ato político e libertador, fundamentado no diálogo e na formação da consciência crítica. Para o autor, o uso acrítico da tecnologia pode reforçar uma educação bancária, na qual o estudante se limita a consumir informações sem questioná-las.

O uso excessivo do celular, quando desprovido de intencionalidade pedagógica, pode contribuir para a alienação e para a superficialidade do aprendizado. Assim, Freire defende uma mediação pedagógica que estimule a leitura crítica do mundo digital, promovendo a autonomia e o protagonismo dos estudantes.

Ao integrar essas três perspectivas, evidencia-se que o desafio não está na tecnologia em si, mas na forma como ela é incorporada ao processo educativo. Para Piaget, é necessário preservar o espaço da ação e do desafio cognitivo; para Vygotsky, garantir a interação social e a mediação; e para Freire, assegurar o diálogo e a formação crítica.

Dessa forma, o uso do celular na escola deve ser pensado de maneira consciente, ética e pedagógica, de modo que contribua para uma educação humanizadora, capaz de formar sujeitos autônomos, críticos e socialmente comprometidos.

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO USO DO CELULAR NO CONTEXTO ESCOLAR

A presença do celular no cotidiano de crianças e adolescentes acompanha todo o percurso escolar, desde a educação infantil até o ensino médio. Embora o dispositivo esteja inserido em uma mesma realidade tecnológica, a forma como ele impacta o desenvolvimento e a aprendizagem varia conforme a etapa da escolarização.

Nesse contexto, a participação dos pais torna-se um elemento central para garantir que o uso do celular ocorra de maneira equilibrada, consciente e alinhada aos objetivos educativos, respeitando as necessidades de cada fase do desenvolvimento.

Na educação infantil, o papel da família é marcado principalmente pelo cuidado e pela mediação direta. Nessa etapa, a criança aprende por meio da ação, do brincar, da exploração do ambiente e das interações afetivas.

À luz de Jean Piaget, o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir de experiências concretas, sendo fundamental que a criança tenha oportunidades de manipular objetos, interagir com outras crianças e vivenciar situações reais. O uso excessivo do celular pode limitar essas experiências, substituindo o brincar e o contato humano por estímulos virtuais.

Assim, cabe aos pais estabelecer limites claros, garantindo que a tecnologia não ocupe o lugar de vivências essenciais ao desenvolvimento infantil.

À medida que a criança avança para os anos iniciais do ensino fundamental, observa-se um processo gradual de construção da autonomia. Nessa fase, embora o estudante já demonstre maior independência, ainda necessita de orientação constante para desenvolver autocontrole e responsabilidade.

Sob a perspectiva de Vygotsky, a aprendizagem é fortalecida pelas interações sociais e pela mediação do adulto. Os pais, ao acompanharem o uso do celular, dialogarem sobre conteúdos acessados e estabelecerem rotinas, contribuem para atitudes mais conscientes na escola, favorecendo o respeito às regras e a participação nas atividades coletivas.

A parceria entre família e escola torna-se fundamental para que o celular seja compreendido como um recurso de apoio à aprendizagem, e não como um fator de dispersão.

No ensino médio, os estudantes já apresentam maior capacidade de reflexão e pensamento abstrato, mas continuam necessitando de orientação, especialmente diante das múltiplas possibilidades e riscos do mundo digital. Nesse momento, o papel dos pais desloca-se do controle para o diálogo.

De acordo com Piaget, o desenvolvimento do pensamento formal exige desafios que estimulem a argumentação, a análise crítica e a tomada de decisões. O uso excessivo do celular pode comprometer esse processo ao favorecer a superficialidade e a fragmentação do conhecimento. O diálogo familiar sobre o uso responsável da tecnologia contribui para o fortalecimento da autonomia intelectual e da consciência crítica dos jovens.

As contribuições de Paulo Freire atravessam todas essas etapas ao defender uma educação pautada no diálogo, na responsabilidade e na formação de sujeitos críticos. Para o autor, educar é um ato coletivo que envolve escola, família e sociedade.

Quando os pais participam ativamente da orientação sobre o uso do celular, promovem a leitura crítica do mundo digital e fortalecem valores como ética, respeito e responsabilidade.

Essa atuação contribui para que os estudantes, em diferentes níveis de escolarização, compreendam o celular como um instrumento que pode ampliar a aprendizagem e a participação social, desde que utilizado de forma consciente.

Dessa forma, torna-se evidente que a participação dos pais no acompanhamento do uso do celular é indispensável ao longo de toda a trajetória escolar.

Embora as estratégias de orientação variem conforme a etapa de desenvolvimento, o princípio do diálogo, da mediação e da corresponsabilidade permanece constante.

A articulação entre família e escola fortalece o processo educativo, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de utilizar a tecnologia de maneira ética e humanizada em sua vida escolar e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do uso excessivo do celular no contexto educacional, à luz das contribuições teóricas de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget, evidencia que a tecnologia, em si, não deve ser compreendida como um problema, mas

como um recurso que exige intencionalidade pedagógica, reflexão crítica e mediação consciente.

Quando utilizada de forma indiscriminada e desprovida de objetivos educativos claros, a tecnologia pode comprometer aspectos fundamentais do desenvolvimento cognitivo, social e crítico dos estudantes, afetando a qualidade das aprendizagens e das relações no ambiente escolar.

As reflexões apresentadas ao longo deste estudo demonstram que o uso excessivo do celular pode favorecer a passividade, a superficialidade do conhecimento e o enfraquecimento das interações sociais, elementos que se contrapõem às concepções de aprendizagem defendidas pelos autores analisados.

Piaget ressalta a importância da ação e do desafio cognitivo; Vygotsky destaca o papel das interações sociais e da mediação; e Freire enfatiza o diálogo e a formação da consciência crítica. À luz dessas perspectivas, torna-se evidente que a tecnologia deve estar a serviço da humanização e da construção ativa do conhecimento.

Diante desse cenário, cabe à escola promover práticas educativas que integrem o uso do celular de forma planejada, equilibrada e alinhada aos objetivos pedagógicos, valorizando o diálogo, a interação social e a participação ativa dos estudantes.

Do mesmo modo, a parceria entre escola e família mostra-se essencial para orientar o uso consciente da tecnologia, contribuindo para a construção de limites, responsabilidades e valores éticos no ambiente digital.

O desafio contemporâneo da educação consiste, portanto, em formar sujeitos críticos, autônomos e socialmente responsáveis, capazes de utilizar a tecnologia de maneira ética e consciente.

Ao reconhecer os limites e as possibilidades do uso do celular no processo educativo, a escola reafirma seu compromisso com a formação integral dos

estudantes, preparando-os não apenas para o domínio das tecnologias, mas para a construção de uma sociedade mais humana, reflexiva e democrática.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.